

Picadeiro

Wellington Coelho

Quando pequeno, fazia acrobacias nas árvores. Aos quarenta, tornou-se dono de um circo.

Aonde chegava, despertava promessas de riso, encanto e espanto.

Escolhido o descampado, esparramava a imensa lona espessa; na bainha, a mãe, o pai, os irmãos, os empregados e os amigos fincavam cada um os pés sobre sua parte da imensa borda: estacas vivas.

Ele, então, rastejava sob o pano azul cintilante, salpicado de estrelas brilhantes e, no centro, se levantava, maestro mastro-mestre do circo. Já fez malabarismos com moedas, equilibrou sobre o monociclo no horizonte e domou feras do oriente.

Até que ela apareceu. Dizia-se auxiliar de ilusionista, dançarina e contorcionista. Hipnotizou-o num tango entrelaçada em seu corpo.

Em pouco tempo, com braços levantados de estrela, espetada sozinha no centro do picadeiro, tomava o lugar dele e erguia o tecido inteiro, espetáculo de uma platéia só: ele, que a aplaudia num ribombar de tambores [monocórdios](#), segurando um fiapo do tecido, à margem.

Mas numa noite, ela se foi montada no cavalo Tempestade, e o pano veio ao chão.

No tecido escuro molhado, espelhando o céu sem estrelas, jazia ele deitado, palhaço pálido de olheiras profundas e boca de sangue, de um circo sem eira nem beira.

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/picadeiro>